

Meditando com o
Apóstolo
Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bortolini, José

Meditando com o apóstolo Paulo / José Bortolini. - São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Meditações)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5724-3

1. Paulo, Apóstolo, Santo 2. Espiritualidade 3. Bíblia - Meditações I. Título II. Série

25-1702

CDD 224.07

Índice para catálogo sistemático:

1. Paulo, Apóstolo, Santo

Coleção **MEDITAÇÕES**

- *A Palavra que leva ao silêncio*, John Main
- *O momento de Cristo: a trilha da meditação*, John Main
- *Prática diária da meditação cristã*, Laurence Freeman
- *Meditações sobre a paixão do Senhor*, São Charles de Foucauld
- *"Eu lhes dou a minha paz": a paz com Deus, com os outros e consigo mesmo*, Raniero Cantalamessa
- *Ó Trindade que adoro! O mistério de Deus revelado por Jesus*, Guido Marini
- *Fé, esperança e caridade: itinerário rumo a Deus para o mundo atual*, Raniero Cantalamessa
- *Meditando com o Apóstolo Paulo*, José Bortolini

Pe. José Bortolini

Meditando com o
Apóstolo
Paulo



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Luiza Tenuta,
André Odashima, Carlos Antônio S. Maia

Design

Gustavo Gomes, Alicia de Sousa Camelo

Imagem da capa

Getty Images e iStock

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5724-3

Índice

Apresentação	7
Meditações	11
1. Paulo: “Pela graça de Deus sou o que sou” (<i>1 Coríntios 15,10</i>)	11
2. “Doravante será muito útil a ti, como se tornou para mim” (<i>Filêmon 11</i>)	14
3. “Não são os filhos que devem acumular bens para os pais, mas sim os pais para os filhos” (<i>2 Coríntios 12,14</i>)	17
4. “Privados por um instante de vossa companhia, não de coração, mas só de vista” (<i>1 Tessalonicenses 2,17</i>)	21
5. Nova forma de poder: mãe que acaricia os filhinhos; pai que exorta, encoraja, conjura (<i>1 Tessalonicenses 2,7-8.11-12</i>)	25
6. Timóteo: “Como filho ao lado do pai” (<i>Filipenses 2,22</i>)	27
7. “Meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto...” (<i>Gálatas 4,19</i>)	29
8. Vosso corpo não é vosso (<i>1 Tessalonicenses; 1 Coríntios</i>)	34
9. “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (<i>Gálatas 5,1; 1 Coríntios 8-10; Romanos 14,22</i>)	39
10. “Às minhas precisões e às de meus companheiros proveram estas mãos” (<i>Atos dos Apóstolos 20,34;</i> <i>2 Tessalonicenses 3,7-15; Efésios 4,25-28</i>)	45

11. “Saudai... que muito se afadigou no Senhor” (<i>Romanos 16</i>)	50
12. “Não te mates matando-nos” (<i>Romanos 8,18-25</i>)	56
13. “Conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo” (<i>2 Coríntios 8-9</i>)	59
14. Apagando incêndios, isto é, apaziguando conflitos (<i>1 Coríntios</i>)	64
15. Carta com notícias preocupantes (<i>1 Coríntios 7-16</i>)	69
16. Morte da morte (<i>1 Coríntios 15</i>)	73
17. Apóstolo, sim senhor (<i>Uma palavra, várias aplicações</i>)	77
18. Às suas ordens, Senhor (<i>O serviço como alternativa ao mau uso do poder</i>)	83
19. “É na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder” (<i>2 Coríntios 12,9; Filipenses 2,6-II; Atos dos Apóstolos 9,15</i>)	87
20. “Fiz-me tudo para todos” (As descobertas de Paulo) (<i>Romanos; Filipenses 3; 1 Coríntios 9</i>)	93
Apêndice: O perfil de Barnabé	98
Índice dos textos bíblicos citados	100

Apresentação

Este livro não tem importantes pretensões nem dificuldades especiais, a não ser que alguém tenha grandes dificuldades para meditar. Acontece que não conhecemos ou conhecemos mal o que povoa o íntimo de uma pessoa. Só Deus – afirmam vários salmos – conhece o íntimo ou a alma de alguém; é Deus que, nos dizeres de um santo da Antiguidade, nos conhece melhor do que nós mesmos nos conhecemos, por ser mais íntimo que nosso íntimo. O Evangelho de João afirma que Jesus conhece a pessoa “por dentro”. E, quando nos aventuramos a fazer essa “viagem interior”, são frequentes as surpresas, entre elas a descoberta de que Deus habita aí, no emaranhado de nossas confusas ideias.

Em vez de querer a qualquer preço conhecer o íntimo de alguém, penso que seja melhor nos educarmos a respeito daquilo que vai no fundo da alma do ser humano, e se por acaso tivermos de entrar e descer, é aconselhável deixar as sandálias à porta para entrar como alguém para o qual nada do que é humano seja estranho. Entrar simbolicamente pisando o húmus, a terra fértil. E tendo entrado, vencer a tentação de, qual severo juiz, apontar o dedo para os outros, pois é aí que cada qual confere no livro da vida aquilo que a ele se refere.

Mas permita-me acrescentar uma constatação. Desconfio que os barulhentos por fora, bem como os “quebra-tudo o que está a seu redor”, terão árdua tarefa a realizar, pois trata-se de fazer rastreamento de modo semelhante. Dizendo-o com outras palavras, há pessoas que, infelizmente, quebram tudo o que tocam suas mãos. Esse fulano está irremediavelmente quebrado por dentro. Vemos por fora amostra grátis do que acontece dentro dele.

Esse é o excêntrico. A palavra indica a pessoa que não tem centro, está descentrada, como aquela peça da construção civil usada para tirar do cimento armado as bolhas de ar. Gira sem ter centro.

De modo semelhante acontece com a pessoa barulhenta. O ruído que causa fora de si mesma é comprovação de que em seu interior os decibéis

vão às nuvens. Essa pessoa, pobre dela, está às vésperas de explodir. E o estrago será grande para o indivíduo, mas também para os que convivem com ele.

Quando se encontra em semelhante situação, o ser humano tem medo do silêncio – no fundo, medo de si mesmo, dos fantasmas que o assustam e apavoram. Ele sente necessidade de falar sem cessar, gostaria de conseguir fugir, fugir de si mesmo, mas aquilo que ele provoca de dia, de noite se torna pesadelo. Então é preciso fazer muito barulho, mesmo que isso transgrida a lei do silêncio e infurne a vida dos outros? Já vivi situação parecida: por volta da meia-noite, o vizinho do quarto acima daquele no qual me encontrava teimava em manejar com destreza e força serrote, martelo e pregos.

É lamentável, pois a pessoa não consegue mais saborear as coisas boas da vida: um sono bom, um panorama aprazível...

Ao longo da vida, tive a oportunidade de animar encontros de exercícios espirituais em quase todos os países da América Latina e parte da Europa. Essas ocasiões são propícias para perceber quem está em harmonia em seu interior e quem sente necessidade de barulho externo e o produz continuamente, a fim de não deixar o ruído interno se manifestar. Nesses cursos de exercícios espirituais normalmente se pede silêncio que favoreça o encontro e o diálogo com Deus.

Geralmente esses exercícios são realizados em lugares que proporcionem e contribuam para a meditação, a revisão de vida e o olhar para frente na esperança. Algumas dessas casas de oração são verdadeiros édens, onde tudo fala de paz, de Deus; a natureza costuma ser exuberante: montanhas, lagos, bosques, jardins; em suma, como diz São Paulo, onde “Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio” (Romanos 8,28; usamos a Bíblia de Jerusalém). No entanto, há pessoas que levam para dentro dessas casas de serenidade todos os ruídos do cotidiano, perdendo a chance de sentir como as montanhas nos “puxam para cima”, como a natureza nos inveja, pois ela sabe que Deus criou o ser humano qual joia rara de toda a criação, e ele vai descobrindo isso à medida que contempla as coisas criadas.

Então, qual a proposta deste livro? Ajudar quem quer meditar ou quem orienta retiros, ou participa de retiros, ou o faz por conta própria. E sempre com o apóstolo Paulo. Ele é tão atual que precisamos recorrer a ele se quisermos ser “Igreja em saída” ou caminhar sinodalmente. Não pensemos serem coisas nascidas hoje; pelo contrário, foi o apóstolo Paulo a levar o Evangelho para além das fronteiras; é ele a nos ensinar a caminhar sinodalmente, pois contava com aproximadamente uma centena de colaboradores.

São 20 breves capítulos. Sugiro seguir este caminho: deter-se no título; em seguida, ler atentamente o texto e, quando surgirem números, pausar e, em seguida, ler até o final do capítulo; ler novamente do começo, mas desta vez usando a Bíblia, visitando os textos assinalados (para facilitar, os livros bíblicos são citados por extenso). Ao fim da leitura, há sugestões de aprofundamento. Se não ajudarem, troque-as.

Paulo foi grande observador, alguém que pensava longamente. Não fosse assim, não teria produzido aquilo que produziu e como conseguiu fazê-lo. Não temos informações acerca dos longos períodos de silêncio, logo após a “conversão”. O primeiro envolve a ida à Arábia e a permanência em Damasco por três anos (Gálatas 1,17-18) e, por período mais longo – cerca de seis anos –, em sua terra, antes que Barnabé o requisitasse a participar da comunidade de Antioquia da Síria (um ano antes da primeira viagem), igreja que forjou a identidade dos seguidores de Jesus: somos cristãos e assim nos identificaremos (Atos dos Apóstolos 11,25-26).

Não se deve menosprezar esse período, pois é importante para a vida do apóstolo. Em 2 Coríntios 12,1-6, Paulo fala de experiência extraordinária com o Senhor. Nela foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que não é lícito ao homem repetir. Quando os ouvidos estão totalmente abertos, é possível ouvir o Senhor nos falando palavras inefáveis.

O texto é recheado de informações que povoam o mundo de Paulo, tornando-o mais e mais homem de seu tempo. Isso facilita a compreensão. A ordem das meditações não é cronológica. Surgiu espontaneamente. Querendo, o usuário poderá criar o próprio itinerário.

Encerro esta apresentação com uma frase do filósofo Protágoras de Abdera: “O sábio só rompe o silêncio quando tem algo mais importante a dizer”. Bom retiro, fecunda meditação.

Meditações

1. Paulo: “Pela graça de Deus sou o que sou”

(1 Coríntios 15,10)

1.1. Falei de barulho e quebra-quebra interiores justamente para mostrar ao homem de hoje o quanto necessita da meditação, porque sem ela nos arrebetamos. Os anacoretas – homens do deserto – viveram felizes e em paz, e nós, olhando o que realizam externamente, descobrimos o tesouro que cultivavam dentro. Paulo cultivava a meditação? Deixemos que ele mesmo nos oriente, tomando como base uma das possíveis viagens por ele empreendidas. Se o episódio conhecido como a “conversão” aconteceu por volta do ano 36, vamos avançar com as indicações fornecidas pela carta aos Gálatas. Paulo garante: “Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias. Não vi nenhum apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor” (1,18-19).

Catorze anos depois (do ano 36; portanto, cerca do ano 49), Paulo, com Barnabé e Tito (não judeu convertido), foi a Jerusalém, onde se celebrou o “Concílio de Jerusalém”. A narração desse fato se encontra em Atos dos Apóstolos 15, e o motivo é sintetizado na *circuncisão* e suas consequências. É um procedimento cirúrgico para eliminar o prepúcio, a pele que cobre a glândula do pênis. Era praticada pelos povos vizinhos de Israel desde o tempo de Abraão. Para esses povos, tratava-se de rito de iniciação sexual, rito de passagem da infância à etapa adulta do homem. Abraão, por ordem de Deus, circuncidou toda a sua casa, e a partir dele a circuncisão assumiu conotação profilática e, sobretudo, religiosa: ainda hoje, praticada no recém-nascido, é a prova na carne de pertencer ao povo da Aliança. Aliás, para o judeu, a circuncisão tem característica de resposta do judeu à aliança que Deus selou com esse povo.

Esse rito, quanto ao que opera na pessoa, tem semelhanças com o batismo: assim como o nosso batismo incorpora o batizado na Igreja como

membro dela e lhe mostra o caminho novo a seguir, semelhantemente a circuncisão vincula o judeu ao povo da Aliança, com as obrigações decorrentes desse vínculo.

Mas em Paulo a questão tem outro desdobramento: “Da Judeia, haviam descido a Antioquia da Síria alguns que começaram a ensinar: ‘Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos’” (Atos dos Apóstolos 15,1). O momento é grave e se refere a não judeus que aderiram a Jesus (tornaram-se cristãos). Aqueles que defendem esse pensamento são conhecidos como *judaizantes*, embora esse termo não compareça no Novo Testamento. As consequências dessa atitude são conhecidas: anulação da salvação operada por Cristo; inutilização da morte e ressurreição do Senhor; o não judeu circuncidado é obrigado a praticar toda a lei escrita – a Torá (os primeiros cinco livros da Bíblia, chamados Pentateuco) – e a lei oral dos fariseus (ao todo 613 mandamentos, divididos em proibições – não faça – e prescrições – é para fazer).

O debate em Jerusalém foi acalorado, pois menciona-se Pedro tomando a palavra em meio à discussão acesa; intervém Tiago, que afirma estar pessoalmente convencido de que os cristãos não judeus não devem carregar o fardo da Lei. Será verdade? Lembremos, segundo Lucas, o que Tiago diz a Paulo anos mais tarde. Quando ele se apresentou diante do líder cristão em Jerusalém (Tiago) para entregar o resultado do mutirão internacional em favor dos pobres de Jerusalém, recebeu um balde de água gelada, e até hoje ninguém sabe o que foi feito daquela coleta. As lideranças (não se menciona Tiago) lhe disseram: “Tu vês, irmão, quantos milhares de judeus há que abraçaram a fé, e todos são zeladores da Lei” (Atos dos Apóstolos 21,20), muito ligados ao templo. Paulo levou o anúncio de Jesus Cristo para fora das fronteiras de Israel; aliás, aquilo que levava não tinha fronteiras. Se quisermos aprofundar o tema já tão debatido, sintetizado na frase “Uma Igreja em saída”, é a ele que precisamos nos dirigir, é para ele que devemos olhar, pois, de acordo com famosa expressão do passado, “faltaram povos a Paulo, não faltou Paulo aos povos”.

Voltemos aos “catorze anos após” a “conversão” de Paulo. Ele conta ter ido à Arábia, retornando a Damasco, onde permaneceu três anos. Não se deve esquecer de que Paulo havia sido fariseu e estava em território não judaico (a cidade de Damasco). Daí foi a Jerusalém, mas não foi suficiente

Barnabé apresentá-lo às lideranças. Paulo foi coagido a voltar à sua terra (Tarso), onde permaneceu seis ou sete anos.

1.2. O que vem depois já sabemos. Barnabé, enviado por Jerusalém a Antioquia como uma espécie de interventor, em vez de ver aí bagunça, viu a presença da graça de Deus. E foi logo buscar Paulo para que se juntasse à comunidade de Antioquia. Era uma comunidade internacional, formada por pessoas de nacionalidades e culturas diferentes.

No Novo Testamento, como refrão, aparecem situações de quebra do preconceito, e aqui não é diferente. Graças a Barnabé, homem de primeira grandeza, Paulo tem como sua comunidade os cristãos de Antioquia, de onde partirá e para a qual voltará de suas viagens, levando aos gentios a Boa Notícia de Jesus.

Portanto, ficamos querendo saber o que Paulo fez em Tarso nos seis ou sete anos que foi relegado ao ostracismo pelos líderes cristãos de Jerusalém. Sabemos que, com Barnabé, empreendeu a primeira viagem missionária (Atos dos Apóstolos, capítulos 13 e 14): convertido a Jesus, mas rejeitado pelos discípulos de Jesus; outrora fariseu rigoroso, agora cristão atleta que tenta alcançar o Senhor. Talvez tenha sido nesse período que fez a inaudita experiência narrada em 2 Coríntios 12,1-10.

Todas essas coisas constituem precioso material para entendermos o Paulo cristão. E mais: não fosse por ação de Paulo e Barnabé, que penetraram territórios considerados por grupos judaicos regiões de gente impura, aquilo que hoje se chama cristianismo teria provavelmente morrido, sufocado pelo judaísmo. (Para conhecer melhor o perfil de Barnabé e sua importância na vida de Paulo, veja *Apêndice*, p. 98.)

É graças à igreja de Antioquia da Síria que a comunidade cristã aí situada se torna, também para nós, “Igreja em saída”. E essa igreja antioquena é inovadora porque obediente ao Espírito que, como se pode ver nos Atos dos Apóstolos, impele para fora. Vale a pena lembrar algumas características dessa comunidade: não ligada ao templo, em lugar de apóstolos, tem como lideranças profetas e mestres; seus membros não são de origem judaica, mas são de culturas diferentes...

Meditação

Algumas frases são o ponto de partida para sua meditação. **1.** Meditar é bom e faz bem ao corpo e à alma. **2.** Minha terra natal e sua cultura são importantes na minha caminhada. **3.** O Espírito Santo, que ilumina minha meditação, sempre impele para fora. **4.** O preconceito ou o medo são armas que matam em primeiro lugar quem os cultiva.

2. “Doravante será muito útil a ti, como se tornou para mim” *(Filêmon II)*

Paulo é excelente evangelizador, pois reúne em si as principais características requeridas a quem se propõe anunciar o Evangelho. Provavelmente solteiro e celibatário (1 Coríntios 7,8), vê-se cercado por uma multidão de “filhos”, superando maternidade e paternidade físicas, para criar a grande família dos filhos e filhas de Paulo. Podemos ver isso mais de perto.

2.1. Todo adulto batizado por Paulo é por ele adotado como filho. É o caso de Onésimo, o escravo fujão do patrão Filêmon, que encontrou amparo na cadeia onde Paulo estava preso. Aí Paulo o batizou, e podia mantê-lo como colaborador, ou aconselhá-lo a fugir para longe do olhar do patrão. Mas não. Ele o devolve justamente a Filêmon, com uma carta que é o grande teste de como um cristão vê a escravidão. A carta-bilhete, a mais curta de toda a correspondência paulina e entre as últimas a aparecer, usa várias vezes a palavra “entranhas”, traduzida de modos diferentes, como, por exemplo, “coração”. A palavra *entranhas* é usada pelos profetas para designar o estremecimento interno da mãe diante de sua criatura (ver Isaías 49,15). Com isso, está lançada a primeira característica do evangelizador: ser capaz de entranhar-se, ter entranhas de compaixão, agir “de coração”. E quer que Filêmon, o cristão em cuja casa se reúne uma comunidade de fiéis, dê provas de “entranhamento”, e sirva de parâmetro ao avaliar a chaga social, a escravidão. Onésimo é nome com significado de “útil”, e Paulo garante ao amigo Filêmon, que foi batizado por Paulo e, portanto, é filho que deve obediência ao pai, que como escravo Onésimo era “inútil”, mas como batizado cristão será utilíssimo para ambos.

“Tendo embora toda liberdade em Cristo de te ordenar o que convém, prefiro fazer um pedido invocando a caridade... Venho suplicar-te em favor de meu filho Onésimo, que gerei na prisão. Outrora ele te foi inútil, mas doravante será muito útil, como se tornou para mim. Mando-o de volta a ti; ele é como se fosse meu próprio coração” (Filêmon 8-12).

2.2. Quanto ao batismo, Paulo faz uma afirmação que, à primeira vista, causa admiração: “Dou graças a Deus por não ter batizado ninguém de vós, a não ser Crispo e Caio... É verdade, batizei também a família de Estéfnas; quanto ao mais, não me recordo de ter batizado algum outro de vós” (1 Coríntios 1,14-16).

Dar graças a Deus por não ter batizado se o batismo é a porta de entrada da comunidade dos fiéis? E surgem comparações, dúvidas e outras reações afins, dissipadas se levarmos em conta o que vem a seguir:

“Mas como podem invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados?” (Romanos 10,14-15a).

Esse trecho mostra o processo ou o itinerário percorrido pelo adulto que se torna cristão. Fala-se em “adulto” porque essa era a praxe das comunidades primitivas. Há o caso em que a religião do chefe de família é seguida por todos os de sua casa. Nesse caso, talvez, sejam arroladas crianças.

Compreende-se melhor o processo citado se o lermos de trás para a frente. Parte-se do envio dos missionários que pregam. Os ouvintes escutam a pregação e creem. Credo, podem invocar (Deus).

Paulo se situa nos extremos de Romanos 10,14-15a; no fim, porém no começo do processo marcado pelo anúncio, que é a grande preocupação de Paulo. Para ele, é prioritário o anúncio, para que as pessoas, ouvindo, creiam e, credo, se façam batizar e comecem a ser parte de uma comunidade de fé.

Nesse sentido, associado à temática da iminente segunda vinda do Senhor, lê-se e melhor se compreende o longo e intrincado capítulo 7 de 1 Coríntios.